



Figura 22 – Passeio ao Latão, casa de dona Santa



Figura 23 – Almoço na casa de Irenice e Chico, pais de Samuel e Samara



Figura 24 – Passeio à Vila Alta (Nova Olinda ao fundo)



Figura 25 – Gravando CD na TV Casa Grande com seo Zé de Elóia



Figura 26 – Luciana filmando Oficina de Meio Ambiente

7 A PESQUISA EMPÍRICA

Numa das conversas com Alembert (presidente da Fundação) perguntei sobre como a cidade de Nova Olinda influenciou e contribuiu, para a aparição do fenômeno-Fundação; como Nova Olinda e seus arrabaldes tornaram possível à Fundação vir a ser. “Você consegue imaginar, por exemplo, que outro lugar do sertão, qualquer lugar do sertão, propiciaria um espaço como esse? Você vê alguma singularidade em Nova Olinda?”, indaguei.

Eu vejo assim que há possibilidades, mas que é em muitos lugares, disso aqui. O que falta é assim, é uma *pessoa habilitada* (grifo nosso) acreditar nisso e fazer, sabe? Agora, cada uma com sua história, e principalmente com uma certa atenção em relação à *antropologia local* (grifo nosso), porque certas voltas que eu dou aqui, se a pessoa for dar em determinado local, quebra, tá compreendendo? Mas aí você tem que ir vendo, né? Você tem que ir vendo a fervura, você tem que ir vendo os comportamentos dos materiais, você tem que ir fazendo isso. (informação verbal²⁸).

7.1 OS ARREDORES DA FUNDAÇÃO

Algumas poucas semanas, precisamente três, antecedem à viagem para Nova Olinda. Uma voracidade em se alimentar de futuro, associando uma série de leituras escolhidas a dedo, ora se referindo à etnografia como “método descritivo” da experiência de campo, ora à etnometodologia como “abordagem” do campo, ora à literatura, como estilo de construção textual.

Venho montando uma pequena “lista de ingredientes” livrescos para compor a mala de viagem e, mesmo tendo um monte de coisas para finalizar antes de viajar, “perco” longas horas transcrevendo trechos do que estou lendo, mesmo sabendo que utilizarei no texto final da dissertação um mínimo aqui e acolá.

(...)

²⁸ Alembert é o co-idealizador do projeto, com sua esposa Rosiane (diretora administrativa), e presidente da Fundação.

Vamos ficar mais uns dias em Fortaleza por problemas de saúde. Estamos atrasados em relação ao cronograma que havíamos idealizado. Chego a pensar que esse atraso para chegar à Fundação Casa Grande é também fruto da ansiedade e de um certo medo (repercutido na dimensão somática do organismo) em me deparar com a “realidade” da pesquisa, isto é, o campo. É como se o sucesso ou o fracasso do mestrado estivessem vinculados, fundamentalmente, à experiência de campo.

Para intensificar os estados de ansiedade não encontro garantia alguma de que dois meses – período “escolhido” dentro das possibilidades de tempo do mestrado e dos recursos financeiros que disponho para a viagem – sejam suficientes para desenvolver a pesquisa em campo. “Não sabia ao certo se dessa impressão dolorosa e de momento incompreensível eu jamais sucederia em extrair qualquer verdade”. (BECKETT, 2003, p. 43).

(...)

Saí de Fortaleza às 22 horas. Foram cerca de sete horas de viagem. Ônibus “seletivo” da empresa Rio Negro, com rodomoça e serviço de bordo, com destino ao Crato. Chegando à rodoviária peguei um moto-taxi até o Hotel Tabajara, onde passam carros para Nova Olinda, das 7 às 17. Os carros são D-20, F-1000, transformadas em “pau-de-arara” para lotação: colocam-se bancos na carroceria coberta. São carros comuns, versáteis. Em Fortaleza também se vê muitas, como resquício do tempo dos “fazendeiros” que vieram do interior para a capital e que ainda conservam um hibridismo no estilo “modernoso”.

Tomei um café preto por cima do “pipper” (bala de hortelã). O dia já vai clareando. Devo esperar ainda uma hora aqui na esquina pra passar carro.

O Hotel Tabajara fica já na saída da cidade, de esquina com as ruas José Alves de Figueiredo e Sargento George T. Sampaio. Uma casa “das antigas” transformada em hotel. Defronte tem um canal, dois postos de gasolina, a “Panificadora Padre Cícero”, e um bar sem nome, com a propaganda da cachaça “Guaramiranga” pintada nos muros.

O céu está nublado. No estabelecimento onde tomei café diziam que teve chuva boa em janeiro. Fevereiro, nem tanto.

(...)

Chove. O Cariri está verde e exuberante. Os dias não chegam a esquentar como era de se esperar nessa época do ano. Respingos retinam trincando nas telhas de cerâmica. Grilos, sapos, uma variedade de besouros, alguns com belíssimos cascos furta-cor, crepitam aos ouvidos, e, vez por outra, uma trágica coincidência nos permite flagrar a agonia de se afogar no seco, de barriga para cima. Ontem vi uma gota pendurada numa folha e, pela primeira vez, tive a impressão de que a gota estava cheia de água; tão translúcida e agarrada à folha como as pobres gotas de Julio Cortázar – quase dava pra ver a película invisível que a tornava tão empapuçada de si. Através da gota, ao fundo, a fachada azul do Memorial do Homem Kariri.

O Cariri é região do sul do Ceará, situada ao sopé do Araripe. É irrigado, em grande parte, por dezenas e dezenas de fontes perenes, brotadas daquela serra que o separa de Pernambuco e causa principal da situação privilegiada, que sua natureza desfruta, em contraste com a caatinga ressequida que o circunda. O Cariri cearense oferece uma feição original e bem caracterizada, quer se considere a sua fâcies geográfica, quer as suas origens e sobrevivências étnicas, quer o seu aspecto social. A diferença entre a sua natureza e a da circunvizinhança é bem flagrante. Daí o filho do Cariri, apesar de bem interiorano, sentir que sua região é inteiramente fora do sertão propriamente dito. Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, e eu Cariri de sertão. Não toma a palavra sertão senão em seu sentido mais amplo, na acepção de zona do interior, afastada da faixa litorânea. O Cariri, do Ceará, é uma espécie de zona da mata pernambucana, ou dos brejos da Paraíba [...] CARIRI. Esta família foi encontrada ocupando uma área não muito extensa, que se estendia do sul do Ceará ao centro da Bahia e do oeste de Pernambuco às quebradas orientais da Borborema. Mas, nem todo este território estava senhoreado pelas hordas cariris: elas se tinham localizado nos melhores sítios, nas regiões mais férteis e menos áridas, nos vales frescos ou úmidos, como o que tem o seu nome, no Ceará, nas serras frescas, no vale do rio São Francisco, nas cabeceiras de alguns rios baianos da drenagem atlântica, ao norte do rio das Contas [...] Há duas regiões nordestinas com a denominação de Cariri. Uma fica na Paraíba, em zona de natureza inteiramente diferente da do Ceará, e onde impera a caatinga braba, e outra, no sul do Ceará. A região cearense recebeu o nome de CARIRIS NOVOS, uma vez que foi conhecida e colonizada após sua homônima paraibana. Thomaz Pompeu Sobrinho, autoridade incontestável no assunto, é de parecer que os primeiros grupos de índios Cariris estabeleceram-se no sul do Ceará, provavelmente no IX e X

séculos da era cristã. Vieram do São Francisco, onde teriam chegado no século IV e V, conforme o mesmo cientista e emérito pesquisador. (FIGUEIRÊDO, 1964, p. 5-7).

No Cariri, o planalto situado na chapada do Araripe atinge um nível de altitude de 800 a 900 metros. As vertentes apresentam escarpas abruptas de onde jorram abundantes mananciais. No sopé da serra estende-se uma faixa estreita de calcário de grande importância pela abundância de fósseis cretáceos que apresenta, revelando uma terra bastante fértil [...] As principais reservas florestais do Estado encontram-se nas encostas úmidas, na porção nordeste da chapada da Ibiapaba e encosta da chapada do Araripe, onde estão as Florestas Nacionais de Ubajara e do Araripe. Representativas áreas de concentrações vegetais são também encontradas nos elevados níveis da serra da Meruoca, na encosta sudeste, e maiores altitudes das serras de Maranguape e Baturité. (<http://www.ceara.com.br/cepg/relevo.htm>, em 14/02/2005).

Um dos mais famosos e importantes depósitos paleontológicos brasileiros é formado pelas rochas sedimentares do Membro Romualdo, unidade estratigráfica superior da Formação Santana da Bacia do Araripe, situada no nordeste do país. Tendo sido depositadas durante o Aptiano-Albiano (Cretáceo Inferior), estas camadas contêm nódulos calcários que preservam uma grande quantidade de fósseis pertencentes a diversos grupos de organismos, tais como plantas (folhas, troncos, pinhas com sementes), invertebrados (moluscos, caranguejos, gastrópodos, ostracodes) e, sobretudo, vertebrados (peixes e répteis). Esta preservação é, na maioria dos casos, excepcional, o que tornou o material paleontológico conhecido a nível nacional e internacional [...] A quantidade e qualidade destes exemplares criaram um problema: a exploração desordenada de fósseis. Conhecido há aproximadamente 170 anos, houve um gradativo aumento na coleta ilegal neste depósito fossilífero, sobretudo nas três últimas décadas e, apesar de algumas medidas legais terem sido tomadas (p. ex., apreensões, aumento da fiscalização) esta atividade encontra-se em expansão nos dias de hoje. (<http://www.unb.br/ig/sigep/sitio006/sitio006.pdf>, em 14/02/2005).

ARARIPE/CARIRI. APA (Área de Proteção Ambiental): Decreto Federal de 1997, com área de 1.083.000 hectares. (chapada do Araripe).

Composta por 47 municípios, abrange todo o sul do Ceará. O cenário é dominado por três regiões: sertões dos Inhamuns, região de caatinga com duas belas áreas de proteção ambiental; sertões de Salgadas, onde está o Orós, um dos maiores açudes das Américas; e a Chapada do Araripe, área de vegetação densa e de grandes reservatórios de água mineral. A infraestrutura é boa, contando com dois aeroportos que atendem a macrorregião. O turismo religioso é a marca desta macrorregião. A cidade de Juazeiro do Norte recebe anualmente cerca de 1,5 milhão de pessoas que vão rezar para o Padre Cícero. O turismo cultural e científico tem um destaque especial. Para os turistas interessados em arqueologia, a região possui um importante patrimônio. Santana do Cariri concentra um dos maiores sítios de fósseis do mundo, onde já foram localizados plantas e animais pré-históricos, como dinossauros. Dois museus na região abrigam um grande acervo de fósseis. (http://www.turismo.ce.gov.br/macrorregioes_araripe.htm, em 14/02/2005). A Chapada do Araripe está localizada em uma área que abrange a divisa entre três estados do País: Ceará, Piauí e Pernambuco. Povoada por mais de um milhão e meio de habitantes, foi a primeira Floresta Nacional do Brasil,

instituída em 1946. Fonte rica de materiais científicos e testemunhos da humanidade, seus fósseis oferecem informações e descobertas inéditas sobre o passado do planeta. Hoje, a Chapada do Araripe e seu Museu de Paleontologia, em Santana do Cariri, atraem, além de estudantes de todas as universidades do Brasil, pesquisadores vindos de centros de estudo e de grandes museus internacionais, que buscam ampliar os conhecimentos sobre a história da Terra e da vida. (http://agenciact.mct.gov.br/index.php?action=/content/view&cod_objeto=20096, em 14/02/2005).

A Chapada do Araripe abrange municípios com uma população estimada de 1.200.000 pessoas, que se identificam como Araripenses. São habitantes da bio-região do Araripe, que envolve dois espaços: a bacia sedimentar do Araripe e parte da área do Embasamento Cristalino. Do ponto de vista social, as principais características dessa bio-região são:

- A diversidade do setor agropecuário, notadamente no Cariri cearense;
- O desenvolvimento das atividades comerciais e de serviços, com os principais centros urbanos dotados de amplo raio de influência;
- A presença de indústrias minerais (gesso, cimento e argilas) e de manufaturas;
- Uma forte presença religiosa (Padre Cícero) e um patrimônio cultural muito original.

Do ponto de vista físico, a área da Chapada pode ser dividida em três zonas:

- a Chapada propriamente dita, onde se encontra a Floresta Nacional do Araripe, com dois segmentos: o primeiro, leste-oeste, de 180Km por até 50Km de largura, na fronteira entre o Ceará e Pernambuco, e cuja altitude vai declinando de 1.000m a 200m; o segundo, norte-sul, situado na divisa com máxima de 760m;

- o Pediplano, com altitude média de 400m, que ocorre em todo o entorno da Chapada e é mais desenvolvido na parte nordeste, do lado do Ceará (do Crato até Mauriti).

Essas três zonas formam a Bacia do Araripe, onde se localiza a Área de Proteção Ambiental da Chapada do Araripe, e é caracterizada por:

- uma extensa meseta;
- a diversidade litológica (rochas) do pacote sedimentar;
- a abundância e variedade de seus fósseis, constituindo uma das mais ricas e valiosas jazidas fossilíferas do Brasil e do Mundo;
- a abundância de fontes e a dimensão de suas reservas de água subterrâneas. (Trechos de letreiros do Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri, em Santana do Cariri, Ceará).

É como se diz: o Cariri é um oásis no meio do sertão. Lampião não entrava armado no Cariri, por considerar uma terra sagrada, conta Alemberg.

Quando eu voltei aqui, quando eu voltei pra cá, aí eu vinha descendo a Chapada do Araripe quando eu olhei aqui pra esse buracão de serra aqui, esse vale a coisa mais bonita, eu disse: mas que coisa bonita. Aqui ou aconteceu já uma coisa muito importante ou ainda vai acontecer.

[...] é uma região com muita lenda porque vem lenda desde a pré-história. Uma das lendas ela migrou pra cá, entrando pela Bahia, que é “o sertão vai virar mar, e o mar vai virar sertão”. Porque antes de Antonio Conselheiro chegar na Bahia ele passou pela região do Cariri [...] é uma lenda dos Kariri, porque eles vieram de uma terra que no meio desse lugar, onde eles moravam, existia uma grande lagoa, e eles diziam que o mar um dia cobriu

isso, e que quando o mar saiu virou sertão, e que um dia o sertão também ia virar mar novamente [...] tem uma lenda lá que a Chapada do Araripe ainda vai ser inundada pelo mar. (informação verbal²⁹).

Da estrada, quando se avista Nova Olinda ao longe, de noite, vê-se um braseiro de luzes que dá a impressão de um avião pousado sobre a Chapada.

O cair da tarde nesses dias de chuva causa um contraste azul-chumbo das nuvens e a luz solar que as atravessa. O céu esfumaça, os buracos azuis nas nuvens são como portais, as rajadas de brilho abrem o sorriso, as camadas de nuvens e os efeitos luminosos mostram céus vários, tantos quanto os humores de quem os observam.

Toda segunda-feira vamos ao Crato, uma cidade maior, descendo a Chapada, uns quarenta minutos de Nova Olinda. Geralmente vamos comprar fitas de câmera 8mm e VHS, e também olhar e-mail. Descobrimos uma lanchonete/bar tradicional na cidade onde tomamos suco de mamão com laranja e comemos coxinha, e depois um café com doce de leite caseiro. O Cinelândia lembra bares cariocas; lembrou-me também o Flórida Bar, em Fortaleza: estilo antigo e charme: cadeiras de madeira, tipo “Lemos”; balcões de fórmica azul-clara; os despachantes de bata; as paredes de azulejo até meia altura, azuis como os balcões; as xícaras brancas de louça e a colherinha de inox com singelo bordado na borda.

Passamos o dia no Crato, como fazemos às segundas. Dessa vez fomos comprar fitas para câmera de vídeo e tirar xerox de alguns textos sobre a história dos Kariri que Rosiane nos emprestou. Quando chegamos à Nova Olinda o sol houvera se posto e assim que entramos na cidade, ainda da janela do ônibus, percebemos velas acesas ao pé da porta ou na janela das casas e estabelecimentos comerciais. Faltava energia elétrica? Não, era só olhar para dentro das casas e para os postes de luz. Paramos numa farmácia para ver se tinha esparadrapo para curativo e perguntamos o que era aquela procissão estática. Era dia de Nossa Senhora das Candeias, dois de fevereiro.

²⁹ Alemberg. Todas as “informações verbais” na forma de citações são das entrevistas que foram transcritas das gravações em vídeo que realizamos.

Nova Olinda é uma cidade pacata do interior do estado do Ceará, onde são poucas as opções, seja de trabalho, de estudo, de diversão, conforme testemunham alguns moradores. A roça, o bar, um emprego na prefeitura, o comércio. Quando se arruma um emprego, coisa rara, os funcionários chegam a trabalharem mais de doze horas ininterruptas, sem ganhar sequer salário mínimo. Submetem-se as mais diversas condições de servidão, por falta de possibilidades de uma vida digna no lugar. Fins de semana, a diversão da maior parte dos homens (jovens, adultos e com mais idade) é beber, seja indo tomar banho de açude, pescar, ou no bar com os amigos. O nível de alcoolismo entre jovens, segundo dizem, é alto. Conversando com uma menina da Casa Grande, ela dizia: antes da Casa Grande Nova Olinda era um deserto. Segundo Samara, o que tem para fazer em Nova Olinda é estudar, brincar, e quando se vai crescendo, pela necessidade de ajudar em casa, caso tenha terminado os estudos (ensino médio) arranja-se um emprego (se tiver sorte) de balconista, ou vai ser professor(a), ou se não tiver os estudos completos vai ser pedreiro, trabalhar na roça... Existem os que aprenderam uma profissão do pai, ou do avô, como é o caso de seo Expedito Celeiro (que mexe com couro, que começou fabricando celas e a indumentária para os vaqueiros, e hoje fabrica bolsas, sandálias etc.), que se tornou um especialista (artesão) no ofício. Uma minoria vai (pode ir) em busca do terceiro grau, o que foi facilitado pela recente instalação da URCA (Universidade Regional do Cariri) no Crato.

Nova Olinda se foi criando na encruzilhada dos aboios, certamente com a sedentarização do nomadismo mercenário (como é, de um modo geral, o cearense, com sua alma árabe afeita ao comércio de família, aos negócios e às ostentações e ornamentos da vaidade – o cearense é apelidado de “o judeu brasileiro”). Sua zona urbana tem cerca de 3.000 habitantes. Somando-se aos sítios são entre 13.000 e 16.000 habitantes. Essa diferença deu muita discussão no bar de seu Jacaré, antes do almoço. Aliás, assistindo vídeos sobre a Casa Grande, lendo publicações, há realmente uma variação nessa informação.

Em Nova Olinda, assim como na maior parte do sertão cearense, o costume reza que a primeira sala das casas seja dedicada aos santos, e na Renovação (uma espécie de aniversário das casas), uma vez por ano, vão pessoas rezar na casa, colocar santos... Coincidentemente, o dia da Renovação da Casa Grande, que é o mesmo dos aniversários de Alemberg e Rosiane, é também o dia de meu aniversário: 19 de dezembro.

Segundo seo Jacaré, os peixes de água doce que se come em Nova Olinda são o tambaqui, a tilápia, a traíra e o curimatã. O feijão que se planta não dá para o consumo. Vem feijão de Irecê/BA, do Paraná... Seo Jacaré planta feijão e fava - da chamada “fava verdadeira”, que demora uns 4 meses pra colher; e da “fava ligeira”, que está boa entre 45 e 50 dias.

A certa altura da pesquisa percebi que seria importante conhecer outras organizações locais, de cunho comunitário, governamental etc., que pudessem dar uma idéia do grau de organização formal da cidade. Como percebi isso já no final de minha estada em Nova Olinda, em período próximo às eleições – o que dificultaria recolher informações em algumas repartições – e com o tempo escasso para registrar e arredondar as arestas de algumas questões ainda em aberto na Fundação, perguntei a Mêires (gerente da editora), com quem estabeleci uma aproximação significativa, se ela poderia obter alguns números sobre a situação sócio-econômica de Nova Olinda. Conversamos um pouco sobre o que me interessava saber, e ela empreendeu uma pequena pesquisa em algumas organizações locais, e me devolveu em duas folhas de caderno que passo a transcrever:

Número de Habitantes: 12.079
 Sendo que 6.391 estão na zona urbana e 5.688 na zona rural, 5.953 são homens e 6.126 são mulheres.
 Taxa de crescimento anual: 1,63%.
 Nova Olinda possui uma área de 179 Km², dividida em 11 setores; 4 urbanos e 7 rurais³⁰.
 Principais fontes de renda: Agricultura, Indústria mineral (Gipsita), Comércio e Artesanato.
 PIB/Capita: 1.716 - IDH: 0,637.

³⁰ Fonte: IBGE/2000.

Quantidade de escolas: 25. Sendo 4 escolas com Ensino Fundamental, 1 creche tendo 3 anexos e 3 com Ensino Fundamental e Médio, sendo que 2 são particulares.

Alunos matriculados: 5.176 (geral).

Na pré-escola: 176 na escola pública e 81 na escola particular.

Alfabetização: 229 na escola pública e 36 na escola particular.

Fundamental: 3.053 na escola pública municipal, 184 na escola estadual e 203 na escola particular.

Ensino Médio: na escola estadual 591 e na escola particular 39.

Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal: 293.

Analfabetismo (% 11 a 17 anos): 10%³¹.

7 unidades de saúde:

I – Unidade Mista de Saúde Ana Alencar Alves;

II – Centro de Saúde;

III – Clínica de Fisioterapia;

IV – Posto de Saúde do Triunfo (rural);

V – Posto de Saúde das Barreiras (rural);

VI – Posto de Saúde do Baixo das Bernardes (rural);

VII – Vigilância: Epidemiológica e Sanitária.

Programa Saúde da Família: 5 equipes de atuação, com 24 agentes de saúde e 2 equipes de Saúde Bucal.

Quantos nascem por ano: 2000 > 297; 2001 > 260; 2002 > 259; 2003 > 254.

Nova Olinda (refiro-me a alguns tantos de seus moradores) guarda uma ingenuidade encantada, onde tudo pode ter uma relação com o divino. No período das chuvas, por exemplo, surgiu uma série de explicações acerca das enxurradas celestes. Como é costumeiro chover nessa época, quando não chove se diz que é por causa dos imoralismos que o povo faz durante o carnaval. Mas um *fato* que estava atormentando muita gente de mais idade era que, no Crato, um bêbado haveria colocado dez reais na mão de um defunto no caixão para que ele pedisse a Deus que mandasse o quanto valesse de chuvas a quantia. Para as pessoas a chuva em excesso era, sem dúvidas, uma resposta divina ao deboche inebriado daquela alma tórrida.

Tem uma superstição aqui que quando não chove o povo rouba o santo; e quando chove devolve em procissão. Com essas chuvas e aparecendo na televisão, por causa da campanha da Globo, os santos roubados, estão dizendo que foi tanto santo roubado que a chuva tá vindo como castigo. (informação verbal³²).

Falando em ingenuidade encantada, lembro de um dia na Casa Grande, enquanto estava terminando de me arrumar no alojamento, entreabri a porta para ver se avistava Luciana que já tinha saído. Daqui a pouco alguém bate. Quando abro, uma ruma de meninos e

³¹ Fonte: IPLANCE.

³² Dona Irenice, tem filhos na Casa Grande, e foi, durante um período, coordenadora pedagógica da Fundação.

meninas se espremendo na fresta da porta, e uma maiorzinha, que disse: “Tá vendo que não era alma?” Os menores, ouvindo o movimento no alojamento, achando que Luciana e eu já estávamos do lado de fora, temiam que o barulho no alojamento fossem seres sobrenaturais.

Uma outra característica de Nova Olinda, quando se angaria alguma confiança, é a hospitalidade. Talvez um sentimento típico de cidades pequenas, principalmente se tratando de visitantes que vêm de terras longínquas, da “cidade grande”, e que inspiram devaneios singelos que se misturam com o imaginário fantasioso da televisão. O relato a seguir, extraído das “notas de existência”, trata do assunto, e tem em dona Francinete uma personagem emblemática do refinado espírito sertanejo.

Dona Francinete mora em Nova Olinda e nesse momento é a responsável pela Cantina da Casa Grande. Inicialmente fizemos as refeições na Cantina, mas o gasto estava pesando em nosso parco orçamento de pesquisadores viajantes. Sabendo de nossa situação dona Francinete se prontificou, não sem algum receio, a fazer nossas refeições: bastaria que proviêssemos os mantimentos e ela cozinhará em sua casa mesmo, onde passaríamos a freqüentar diariamente durante os dois meses que lá estivemos, para as três refeições. Digo que dona Francinete se prontificou, com algum receio, pois, sendo a responsável pela Cantina era de se esperar que ela não retirasse os clientes de seu ganha pão, nem tampouco quebrasse com o compromisso da Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande (COOPAGRAN). Entretanto, dona Francinete, do nosso ponto de vista, optou pela hospitalidade, aquém das relações de mercado que começam a florescer na Fundação através da COOPAGRAN. Aliás, a implantação do serviço de “pousadas domiciliares” pela Fundação corre o risco de instrumentalizar os vínculos entre moradores locais e visitantes, se, junto com a idéia de prestação de serviços não vier uma percepção diferenciada dessa relação no sentido de não deixar que o dinheiro seja o mediador fundamental, e que não

contamine as motivações para os encontros e o interesse de um para com o outro, recolocando a base do vínculo entre moradores e visitantes da dádiva para a troca.

Ontem passamos o dia no Latão, onde mora Dona Santa e Antoniete com seus filhos pequenos Charles, Viviane e Cynthia. Fomos num passeio de família com dona Francinete e seus filhos Jamira e Jarmesson (os outros dois Jacira e Damiana já se encontravam lá).

O Latão fica cerca de meia hora ao norte de Nova Olinda, a caminho de Assaré. O transporte até lá em carros de lotação custa um real por pessoa.

Chegando lá fomos até à roça ao encontro de dona Santa. Dona Santa é uma senhora de seus setenta e poucos anos, viúva, e que tira o sustento do roçado. Depois de uns vinte minutos andando pelo meio do mato, por entre tocos queimados para o replantio, como é costume fazerem os agricultores do interior, encontramos dona Santa próximo a umas galhas imensas de um Juazeiro ressequido, limpando os pés de feijão plantados na beira de um feixe de fios d'água que descem da serra.

Voltamos caminhando com o sol a pino, carregando uma braçada com umas vinte varetas que dona Santa havia catado no alto da serra e ia levando na cabeça para consertar parte da cerca ao redor do quintal que caiu devido às chuvas.

O quintal é todo organizado e bem limpo. Lá no fundo, uns dez metros da casa, ficam alguns porcos num alto de pedra onde se avista o pôr-do-sol por detrás da serra. Apaziguante paisagem. Há também no quintal uma pequenina horta suspensa; um fogão a lenha feito de barro, que está desativado; um pilão para arroz, café e milho, e árvores frutíferas, como goiaba, sirigüela... Dona Santa “passou” um café de milho, que nunca tínhamos experimentado.

O rumo de nossa viagem era chegarmos a uma cachoeira, que alcançaríamos andando pela estrada. A casa da mãe de dona Francinete seria o ponto de apoio, onde

primeiro almoçamos (feijão, batata cozida, carne assada com cebola) antes de seguir de andada estrada afora.

Foi apenas um dia juntos, mas nos sentimos totalmente em casa, salvo nosso próprio desconforto corporal pela diferença nos costumes e no ambiente. Por dona Santa e sua família parecíamos ser seus conhecidos de há tempos. Tínhamos a sensação de que, pelo menos para comer e dormir, era como se houvéssemos nos encontrado com parentes, ou melhor, parentes com direito a regalias, como são os netos, pois não somos apenas bem tratados, como somos tratados com mimos.

Talvez pela aridez em engendrar possibilidades de mudança de vida a partir da vida que ali se vive, projetem em nós, sem as restrições necessárias, o mundo ideal que gostariam de acreditar existir, como se nesse desconhecido que somos Deus pudesse guardar-lhes uma surpresa. Se nesse sentido parecem ingênuos são também bastante desconfiados, e duros em demoverem suas opiniões assentadas na experiência e nas histórias de pai para filho: uma fantasia bem elaborada valerá mais que mil argumentos, com a exceção que esses argumentos venham de alguém que lhes pareça mais inteligente, alguém viajado, de fora, ou que possua bens que lhe atestem a esperteza, ou até que seja bom de conversa, que fale bonito e os enleie no vai-vem da conversa afiada.



Figura 27 – Posição geográfica da Chapada do Araripe.

Fonte: <<http://www.unb.br/ig/sigep/sitio006/sitio006.pdf>.> Acesso em: 14 fev.2005



Figura 28 – Carro Lotação Crato/Nova Olinda/Crato